



Boletim Trimestral da Juventude

4º trimestre | Ano 2021

Governadora do Estado do Ceará

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretaria do Planejamento e Gestão – SEPLAG

Ronaldo Lima Moreira Borges – **Secretário**

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto – **Secretário Executivo de Planejamento e Orçamento**

Sandra Gomes de Matos – **Secretária Executiva de Planejamento e Gestão Interna**

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes – **Secretário Executivo de Gestão**

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE

Diretor Geral

João Mário Santos de França

Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC

Ricardo Antônio de Castro Pereira

Diretoria de Estudos Sociais – DISOC

Luciana Rodrigues de Oliveira

Diretoria de Estudos de Gestão Pública – DIGEP

Maria Esther Frota Cristino

Gerência de Estatística, Geografia e Informações – GEGIN

Rafaela Martins Leite Monteiro

Boletim Trimestral da Juventude – Ano I – 4º Trimestre de 2021

DIRETORIA RESPONSÁVEL:

Diretoria de Estudos Sociais – DISOC

Elaboração:

Victor Hugo de Oliveira Silva (Analista de Políticas Públicas)

Vitor Hugo Miro Couto Silva (Colaborador DISOC – Pesquisador CAPP)

Colaboração:

Rayén Heredia Peñaloza (Técnica)

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará. Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão: Gerar e disseminar conhecimento e informações, subsidiar a formulação e avaliação de políticas públicas e assessorar o Governo nas decisões estratégicas, contribuindo para o desenvolvimento sustentável do Ceará.

Valores: Ética, transparência e impessoalidade; Autonomia Técnica; Rigor científico; Competência e comprometimento profissional; Cooperação interinstitucional; Compromisso com a sociedade; e Senso de equipe e valorização do ser humano.

Visão: Até 2025, ser uma instituição moderna e inovadora que tenha fortalecida sua contribuição nas decisões estratégicas do Governo.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n | Edifício SEPLAG | Térreo -
Cambeba | Cep: 60.822-325 |

Fortaleza, Ceará, Brasil | Telefone: (85) 3101-3521

Sobre o Boletim Trimestral da Juventude

O documento objetiva acompanhar os principais indicadores relativos à educação e mercado de trabalho para a população cearense na faixa etária entre 15 e 29 anos de idade. Para tanto, utiliza-se os dados coletados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNADC.

Com o foco em jovens considerados em situação de vulnerabilidade social, o Boletim visa acompanhar a população de jovens que não se encontram frequentando alguma instituição de ensino ou com alguma ocupação. E assim, fornecer uma importante ferramenta para delinear programas e políticas públicas voltados para este público em específico.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE

Boletim Trimestral da Juventude / Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) / Fortaleza – Ceará: Ipece, 2020.

ISSN: -

1. Juventude. 2. Educação. 3. Mercado de Trabalho. 4. Economia Brasileira. 5. Economia Cearense. 6. Aspectos Econômicos. 7. Aspectos Sociais.

Nesta Edição

Para o último trimestre de 2021, os dados da PNAD Contínua, permitem observar uma redução geral, ainda que discreto, nas médias móveis das frequências escolares como um todo, ainda em decorrência de impactos sofridos pela pandemia. A frequência escolar para jovens entre 15 a 29 anos foi de 35% no período analisado.

Por sua vez, no mercado de trabalho, há maiores indicativos de uma recuperação, ainda que gradual, indicando que os jovens estão enfrentando menos dificuldades de ingressar no mercado de trabalho, refletindo na taxa de desocupação (19,80%) e de inatividade (44,64%) dos jovens, cujas variações foram negativas no curto prazo (-17% e -9%, respectivamente).

Finalmente, os jovens que se encontram sem frequentar alguma instituição de ensino, ou sem trabalhar, no Ceará, somaram um total de 677.329 indivíduos. Em termos percentuais, representa um total de mais de 30% da população jovem (entre 15 e 29 anos). Uma pequena redução de -4,6% no curto prazo, pode se justificar na melhoria do cenário no mercado de trabalho, porém a proporção ainda é elevada em decorrência da pandemia.

Os grupos de maior vulnerabilidade seguem sendo as mulheres (36,19%), jovens negros/ pardos (40%) e residentes no interior

Sumário

1. 4	
2. 5	
Aspectos Gerais relativos à Educação	10
3. 13	
Aspectos Gerais Mercado de Trabalho	16
4. 17	
Aspectos Gerais Jovens que não estudam e não trabalham	21
APÊNDICE	22

Gráficos e Tabelas

Gráfico 1: Proporção de jovens (15 a 29 anos) frequentando a escola/universidade.	6Gráfico 2: Proporção de jovens (15 a 17 anos) frequentando a escola.
6Gráfico 3: Proporção de jovens (15 a 17 anos) frequentando o ensino médio.	7Gráfico 4: Proporção de jovens (15 a 29 anos) analfabetos.
7Gráfico 5: Proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo.	9Gráfico 6: Proporção de jovens de 18 a 29 anos com ensino médio completo.
9Gráfico 7: Proporção de jovens de 25 e 29 anos com ensino superior completo.	10Gráfico 8: Número médio de anos de estudos para os jovens entre 18 e 29 anos.
10Gráfico 9: Proporção de jovens (15 a 29 anos) fora do mercado de trabalho	13Gráfico 10: Proporção de jovens (15 a 29 anos) desocupados no mercado de trabalho
14Gráfico 11: Proporção de jovens (15 a 29 anos) ocupados informalmente no mercado de trabalho	15Gráfico 12: Rendimento médio real efetivo de todos os trabalhos para jovens (15 a 29 anos) ocupados no mercado de trabalho
16Gráfico 13: Rendimento médio real efetivo de todos os trabalhos para jovens (15 a 29 anos) ocupados formalmente no mercado de trabalho	Erro! Indicador não definido.
Gráfico 14: Rendimento médio real efetivo de todos os trabalhos para jovens (15 a 29 anos) ocupados informalmente no mercado de trabalho	Erro! Indicador não definido.

Tabela A1: Indicadores de educação para jovens (15 a 29 anos) para o terceiro trimestre.	24
Tabela A2: Indicadores do mercado de trabalho para jovens (15 a 29 anos) para o terceiro trimestre.	25
Tabela A3: Jovens que não estudam e não trabalham (15 a 29 anos) para o terceiro trimestre.	26

1. INTRODUÇÃO

Através do Boletim Trimestral da Juventude objetiva-se acompanhar os principais indicadores relativos à educação e mercado de trabalho para a população cearense na faixa etária dos 15 aos 29 anos de idade.

O documento fornece, aos gestores públicos e sociedade civil, informações quanto à frequência escolar, conclusão dos ciclos escolares, analfabetismo, média de anos de estudos, população jovem ativa no mercado de trabalho, desocupação, informalidade e médias salariais. Em especial, busca-se focalizar e alertar para a quantificação dos jovens que não estudam e não trabalham, visto que tal condição entre os jovens representa uma importante condição de vulnerabilidade social.

Para tanto, este boletim explora os dados da Pesquisa por Amostra Domiciliar Contínua (PNADC) levada à campo pelo IBGE, tendo esta versão iniciada em 2012. Os indicadores aqui apresentados são calculados com periodicidade trimestral, o que permite observar flutuações ao longo do ano e compará-las com anos precedentes, através de variações de curto prazo (um ano) e longo prazo (com relação ao ano inicial da série em 2012).

Ao final de cada ano, é feito uma análise mais aprofundada quanto às variações dos indicadores, aqui apresentados, ao longo do ano. Deste modo, é possível ter uma visão mais analítica sobre as flutuações para o mercado de trabalho, educação, bem como a proporção de jovens em condição de vulnerabilidade que não se encontra estudando, tampouco trabalhando.

Esta edição, em especial, possui variações discrepantes em diversos indicadores, visto que estes foram fortemente influenciados pelo período da pandemia de COVID-19, com efeitos observados a partir do primeiro/segundo trimestre de 2020.

Além disso, também em decorrência da pandemia, a forma de coleta de dados passou de presencial para inquérito telefônico. Tal transição causou uma queda da taxa de resposta total da PNADC. Em especial, daqueles domicílios onde foi feita a primeira entrevista, visto que estes ainda não haviam recebido a visita presencial, consequentemente ainda não haviam fornecido o telefone residencial, uma vez que este é coletado na primeira visita.

Assim, desde a alteração na forma de coleta, foi necessária uma nova ponderação dos dados para que esta queda na taxa de aproveitamento da pesquisa não incorresse em um viés e, consequentemente, não prejudicasse os indicadores disponibilizados na pesquisa. Por estas razões, as comparações de valores entre trimestres do período da pandemia de COVID-19 e os trimestres fora deste período não devem ser tomadas como definitivas.

2. EDUCAÇÃO

Nesta seção abordam-se, de maneira sucinta, os indicadores relativos à educação de jovens de 15 a 29 anos¹, tais como frequência escolar, etapa de ensino concluída, nível de escolaridade e taxa de analfabetismo².

Apesar da aparente melhoria do cenário pandêmico no Estado, o Gráfico 1 ilustra a tendência negativa da média móvel do nível da frequência escolar de jovens (15 a 29 anos). Após uma variação positiva em 2020, chegando ao primeiro trimestre de 2021 com média de 36,30% dos jovens frequentando alguma instituição de ensino; esta mesma proporção sofre uma redução de -0,22%, chegando ao final do ano com média móvel de 35% da taxa de frequência escolar/ ensino superior entre jovens.

Com tal redução, o Ceará, que vinha aproximando-se dos patamares do Nordeste e Brasil em 2020, distancia-se dos mesmos, onde, no último trimestre de 2021, estabelece uma diferença de -6,29% com o Brasil (37,33%) e 7,4% com o Nordeste (37,78%). Claramente, este é um processo de ajuste das taxas de frequência escolar, as quais foram infladas durante o período da pandemia de COVID-19. Uma possível explicação para esse fenômeno é que jovens matriculados escolas ou universidades tenham demonstrado uma maior propensão a responder que frequentavam regularmente o curso, especialmente durante os períodos de lockdown.

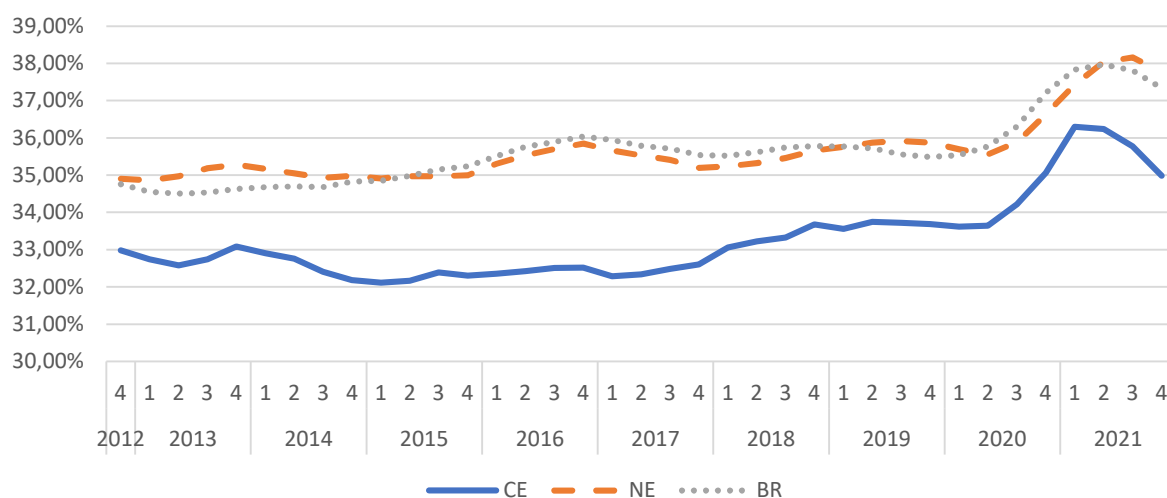
Consequentemente, com esta breve tendência descendente, ao comparar o último trimestre de 2012 com o último trimestre de 2021, a diferença observada é de 6% entre as médias móveis dos respectivos períodos. A tendência dos próximos trimestres é uma diferença ainda menor no longo prazo à medida que essa variável volta ao patamar pré-pandemia. Esta hipótese pode ser aplicada aos demais indicadores de frequência escolar apresentados neste documento.

Quando analisada esta mesma proporção para a faixa etária específica de jovens que deveriam estar na escola (15 a 17 anos), este indicador também apresenta uma breve tendência decrescente no curto prazo. Entre o período de 2012/T4 a 2015/T4, este assume uma média de 82,12% de jovens frequentando a escola e, em seguida, apresenta uma trajetória majoritariamente crescente, a partir do último trimestre de 2015, até o primeiro trimestre de 2021, assumindo uma média móvel de 92,64% no período. Não obstante, nos trimestres subsequentes esta proporção de jovens apresenta uma redução, distanciando-se do patamar brasileiro (92,52% dos jovens brasileiros em 2021/T4), chegando ao final de 2021, com 91,40% dos jovens de faixa etária entre 15 e 17 anos que frequentam a escola, conforme pode ser visto no Gráfico 2.

¹ Nesta seção apresentam-se as médias móveis simples dos indicadores. Assim, cada trimestre representa uma média simples dos últimos quatro trimestres consecutivos. Tal artifício estatístico foi adotado com o objetivo de atenuar comportamentos sazonais dos indicadores educacionais e, assim, facilitar a visualização da tendência de cada indicador.

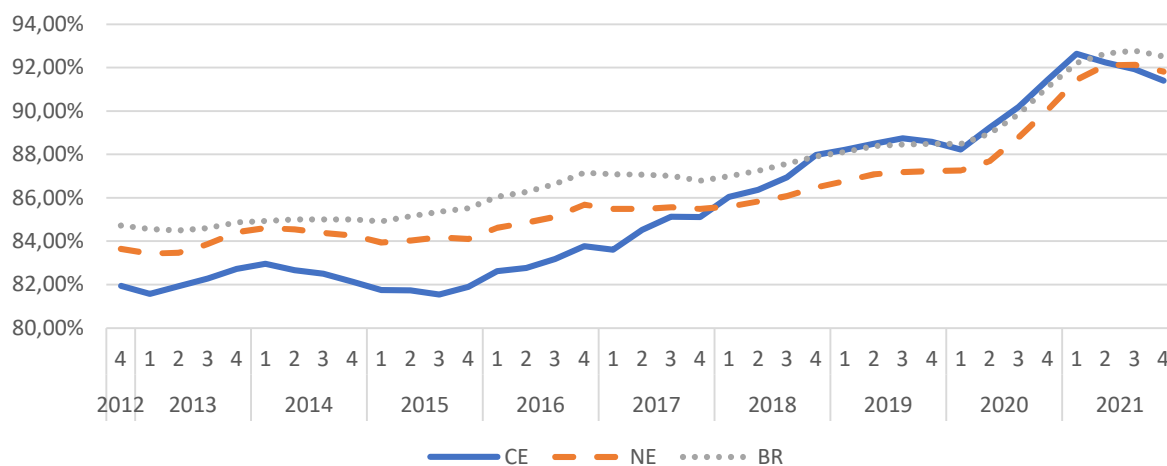
² No Apêndice disponibiliza-se o resumo dos indicadores apresentados neste boletim e suas respectivas variações (de curto, médio e longo prazo).

Gráfico 1: Média móvel da proporção de jovens (15 a 29 anos) frequentando a escola/universidade.



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Gráfico 2: Média móvel da Proporção de jovens (15 a 17 anos) frequentando a escola.

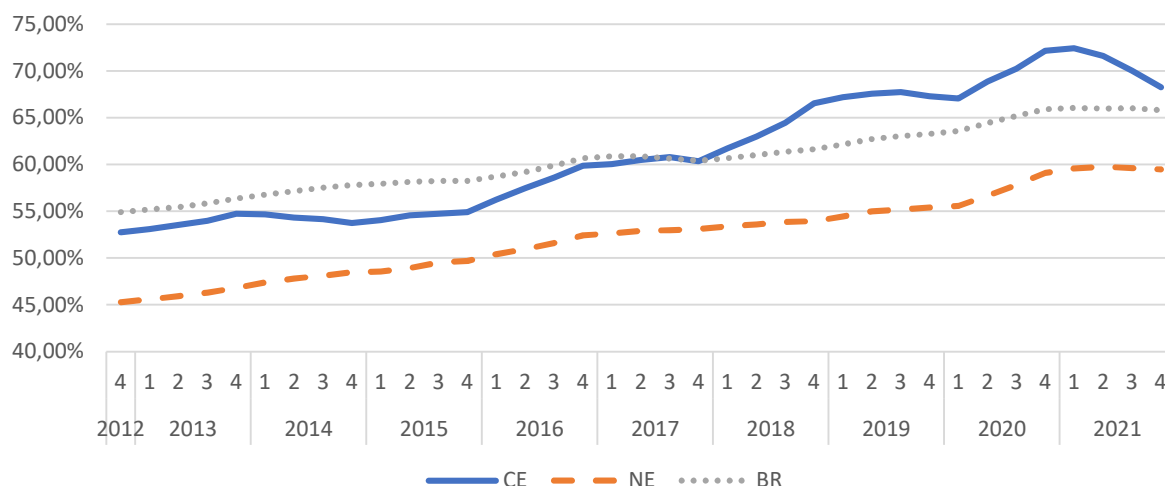


Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

O Gráfico 3, a seguir, apresenta a trajetória da média móvel da taxa de frequência escolar líquida para jovens de 15 a 17 anos, isto é, a proporção de jovens de 15 a 17 anos frequentando o ensino médio. Quando comparada ao quarto trimestre de 2012, esta média apresenta uma trajetória também ascendente, com um crescimento de 29% no longo prazo (chegando a uma média de 68,26% destes jovens frequentando o ensino médio no quarto trimestre de 2021). Além disso, destaca-se que, a partir do final de 2017, em termos de média móvel, o Ceará supera a média brasileira. Assim, em 2021/T4, apesar da redução de -5,39%, quando comparado com o mesmo trimestre de 2020, ainda apresenta um distanciamento de mais de 4% em relação ao Brasil (65,83% dos jovens brasileiros) e de 15% na comparação com o Nordeste (59,48% dos jovens nordestinos). Isto é, mesmo com uma redução no curto

prazo, o Ceará, no último trimestre da série analisada, ainda apresenta uma menor distorção idade-série quando comparado à distorção nacional e regional.

Gráfico 3 : Média móvel da proporção de jovens (15 a 17 anos) frequentando o ensino médio.

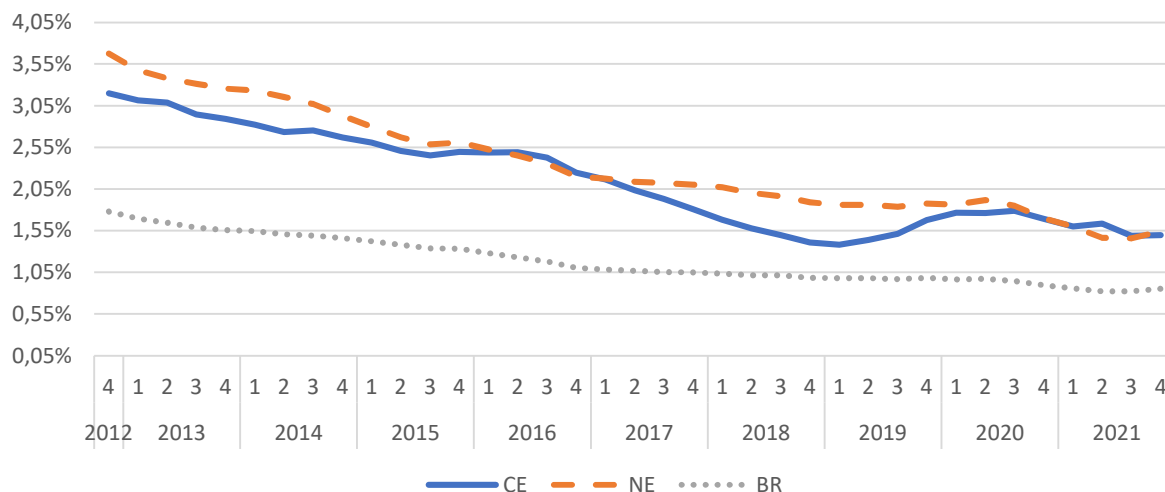


Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Com relação à Taxa de Analfabetismo entre jovens no Ceará, muito embora o estado tenha passado por uma grande redução de tal indicador entre 2012 e 2019, a média móvel da taxa de analfabetismo entre jovens no Ceará apresenta um período de instabilidade entre 2019 e 2021. Ao observar o longo prazo, a variação da média móvel da taxa de analfabetismo entre jovens segue sendo expressiva, passando de uma média de mais 3% da população jovem em 2012/T4, para uma média móvel de 1,50% dos mesmos em 2021/T4 (uma variação negativa de 53,20%). Apesar de tal período de instabilidade desta média, a variação observada no curto prazo também se mostrou de tendência decrescente (-11%). Vale ressaltar que tal instabilidade tem-se verificado sazonalmente na série histórica da PNAD Contínua, principalmente após um período de elevação, superando a média do Nordeste ao início de 2016. Apesar do crescimento deste indicador nos trimestres da pandemia de COVID-19, a tendência é a redução deste para trimestres futuros.

Em termos de proporção, o Ceará, ao final de 2020/1, tinha 1,59% dos jovens entre 15 a 29 anos analfabetos, enquanto o Nordeste (1,74% dos jovens) encontra-se com uma média superior, enquanto o Brasil (0,93% dos jovens brasileiros) ainda está abaixo do Ceará quanto a este indicador.

Gráfico 4: Média móvel da proporção de jovens (15 a 29 anos) analfabetos.



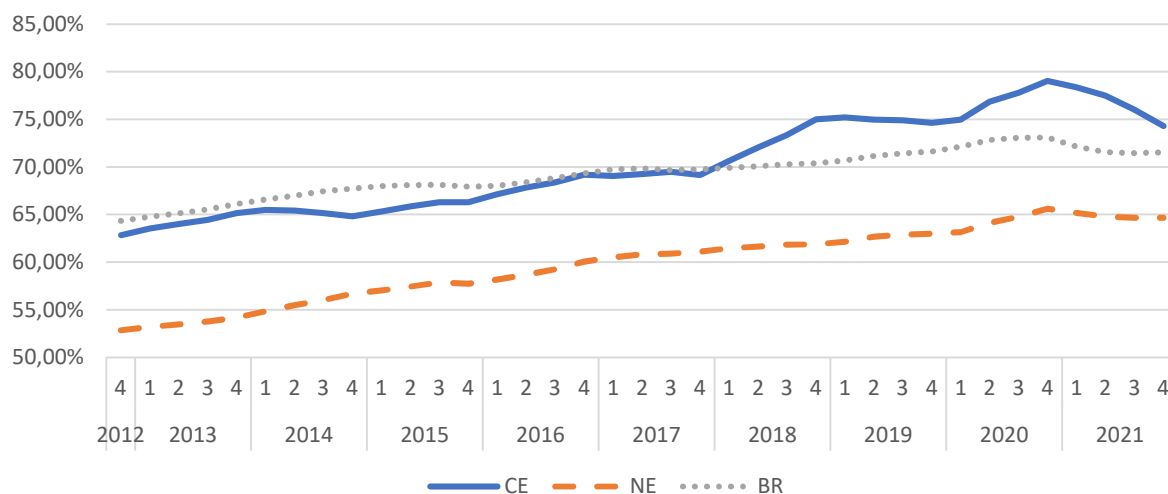
Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Em seguida, analisa-se a proporção de jovens por etapa de ensino concluída. Por conseguinte, o Gráfico 5, ilustra a média móvel da proporção de jovens entre 15 e 17 anos com o ensino fundamental completo.

A tendência ascendente deste indicador é explicitada pelo crescimento de mais de 26% considerando o período entre 2012/T4 a 2020/T4. Não obstante, durante o ano de 2021, esta média apresenta um decréscimo de aproximadamente -6%, chegando a uma média móvel de 74,30% dos jovens cearenses de 15 a 17 anos com esta etapa de ensino concluída ao final de 2021. Apesar desta pequena redução, o Ceará ainda apresenta a maior proporção destes jovens quando comparado à média nacional (71,54%), bem como superior à média do Nordeste de 64,67% dos jovens com esta etapa concluída na região.

A queda na proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo pode ser reflexo da pandemia de COVID-19, a qual resultou em suspensão temporária das atividades escolares e migração massiva do ensino presencial para o ensino à distância. Fatores como a queda do nível de aprendizagem, bem como uma possível elevação dos custos da educação (ensino privado) durante a pandemia podem ter contribuído para tal cenário. Esta mesma hipótese se aplica a queda da proporção de jovens de 18 a 29 anos com ensino médio completo como mostra o Gráfico 6.

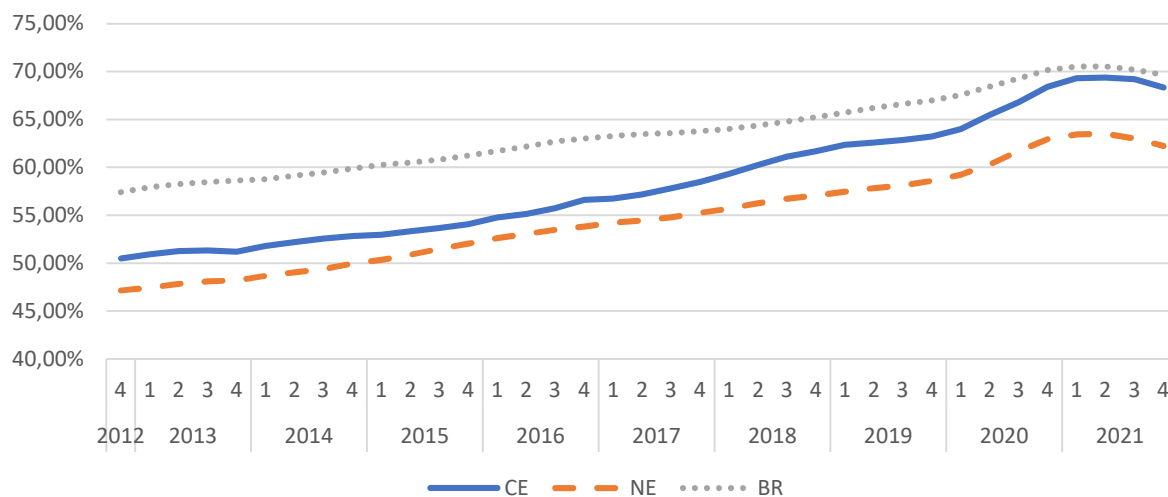
Gráfico 5 : Média móvel da proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo.



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Entre os jovens cearense na faixa etária entre 18 e 29 anos, aqueles que possuem ao menos o ensino médio completo somam 66,19% no quarto trimestre de 2021, o correspondente a uma média móvel de 68,31% deste indicador. Conforme explicitado pelo Gráfico 6, a média móvel apresenta uma trajetória ascendente, onde, no longo prazo, observou-se um crescimento de 35,24% deste indicador. Não obstante, a partir do segundo trimestre de 2021, observa-se uma pequena redução em tal média e, ao comparar 2020/T4 com 2021/T4, observa-se uma redução mínima de -0,11%. Com tal crescimento no longo prazo e, considerando que durante tal período, o crescimento da média nacional (69,65% em 2021/T4) foi de apenas 21%, o Ceará aproxima-se do Brasil quanto a este indicador e se distancia ainda mais da média móvel estimada para a região Nordeste (62,24%).

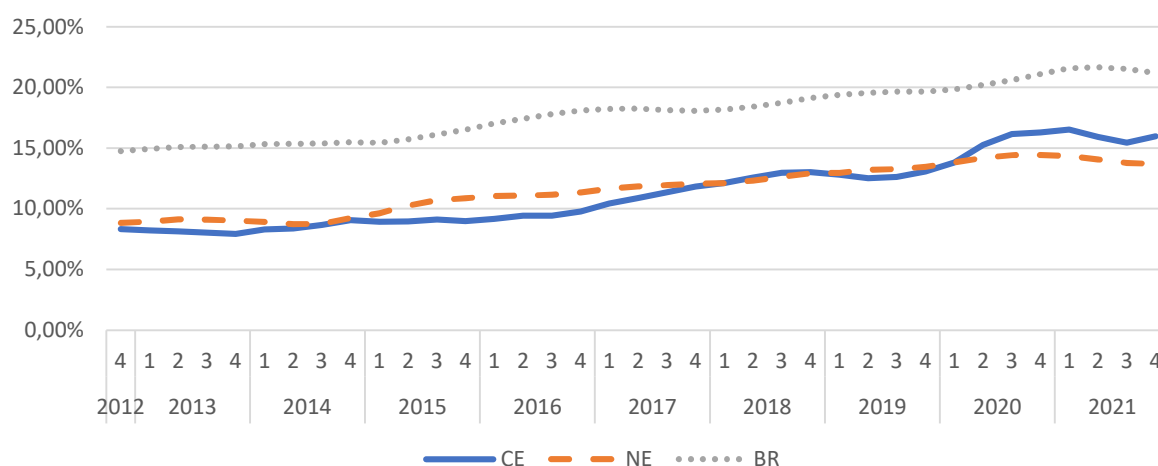
Gráfico 6: Média móvel da proporção de jovens de 18 a 29 anos com ensino médio completo.



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Em compensação, a proporção de jovens entre 25 e 29 anos com ensino superior completo (Gráfico 7) se destaca por apresentar um crescimento mais expressivo no longo prazo, quando comparada às demais etapas de ensino. Este crescimento da média móvel, entre 2012/T4 e 2021/T4, foi de 92%. Isto é, o Ceará passou de uma média de pouco mais 8% dos jovens nesta faixa etária com ensino superior completo, para uma média móvel de 16% dos mesmos, ao final de 2021. Ainda que, no curto prazo (2012/T4 a 2021/T4), a média cearense tenha sofrido uma redução de -2%, a partir do início de 2020, esta supera a média do Nordeste, aproximando-se da média nacional (21,18% dos jovens brasileiros entre 25 e 29 anos em 2021/T4). E assim, ao final do período analisado, o Ceará apresenta uma proporção de 17,20% dos jovens em tal faixa etária com esta etapa de ensino concluída.

Gráfico 7: Média móvel da proporção de jovens de 25 e 29 anos com ensino superior completo.



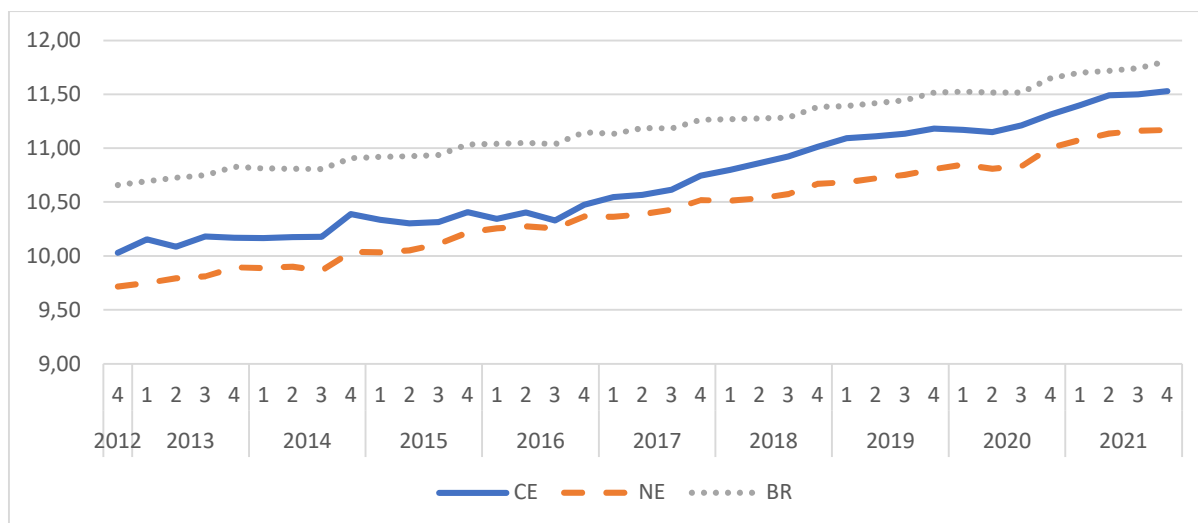
Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

O nível de escolaridade médio entre jovens cearenses pertencentes à faixa etária de 18 a 29 anos, conforme ilustrado pelo Gráfico 8³, apresenta um crescimento de mais de 11% ao comparar esta média em 2012T4 (aproximadamente 10 anos de estudo) e o final de 2021. Em contra partida, no curto prazo observa-se um pequeno decréscimo de -1,7%. Uma vez que o Brasil também apresentou um decréscimo na média de anos de estudo de estudantes brasileiros, o Ceará tende a uma aproximação da média nacional. Em 2021/T4 a média de anos de estudos dos jovens cearenses foi de 11,30 anos, enquanto a do Brasil foi estimada em 11,45, e a do Nordeste em 10,91 anos.

Esta aproximação da média nacional vem também em decorrência do crescimento estável apresentado por este indicador, a partir do final de 2016, destarte o cenário de pandemia instaurado ao início de 2020.

³ Uma vez que o número médio de anos de estudos dos jovens não apresenta uma característica de sazonalidade muito grande, optou-se por não calcular a média móvel para este indicador.

Gráfico 8: Número médio de anos de estudos para os jovens entre 18 e 29 anos.



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Aspectos Gerais relativos à Educação

Destarte a melhoria do cenário pandêmico durante o ano de 2021, sua persistência afetou de maneira mais severa, em especial, ao público jovem. A educação corresponde ao âmbito onde, em conjunto com o mercado de trabalho, esta população sofreu maiores impactos negativos, principalmente pelas barreiras enfrentadas na transição para aprendizagem online, por aqueles em situação de maior vulnerabilidade. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que apenas 35% dos jovens do mundo todo aparentam ter sido capaz de manter ou melhorar a qualidade de aprendizado dos mesmos, os demais, acabaram sofrendo com uma redução na qualidade do aprendizado (OIT, 2020), dificultando assim, uma melhoria dos indicadores educacionais entre os jovens.

Conforme analisado, os dados da PNAD Contínua permitem verificar um decréscimo geral nas médias móveis das frequências escolares como um todo, quando observado o curto prazo. Estas variações no curto prazo ainda vêm em decorrência das dificuldades enfrentadas pelo sistema educacional durante o período de pandemia.

Apesar de discreto, o decréscimo observado se torna mais evidente, dado a tendência crescente que estes indicadores vinham apresentando até o final de 2020. Em termos de longo prazo (período de 2012/T4 a 2021/T4), a média móvel da frequência escolar geral (entre jovens de 15 a 29 anos) apresenta o maior impacto dessa redução, dado seu crescimento mais discreto no longo prazo, quando comparado a períodos anteriores (6,06%). Em 2021/T4, 35% destes jovens frequentavam alguma instituição de ensino. De maneira menos expressiva, a frequência escolar bruta aumentou em 11,55% durante o mesmo período, chegando ao final do ano com uma proporção de 91,40% dos jovens, entre 15 e 17 anos, frequentando a escola.

Quanto à frequência escolar líquida, apesar da redução de quase 6% no curto prazo, no longo prazo ainda se observa um crescimento de aproximadamente 29%, onde em 2021/T4, o Ceará apresentava 68,29% dos seus jovens, entre 15 e 17 anos, frequentando o ensino médio. Portanto, apesar da redução nas frequências escolares, o Ceará, desde o final de 2017, apresenta a menor distorção idade-série, quando comparado ao Brasil e Nordeste (ambos com

uma frequência escolar líquida equivalente a 62,08% e 56,39%, respectivamente, ao final do período analisado).

A média móvel correspondente à taxa de analfabetismo entre jovens apresenta um período de oscilação entre 2019 e o final de 2021. Mesmo ainda sendo possível observar variações negativas expressivas, tanto no curto (-11%), quanto no longo prazo (-53%), de certo observa-se que este indicador reverteu parcialmente a trajetória descendente que vinha apresentando desde o início da série analisada. Com isso, o Ceará, cuja média móvel de analfabetismo em jovens foi observada em 1,50% em 2021/T4, aumentou a distância da média nacional (0,85% dos jovens) que vinha sendo reduzida.

Analisando os indicadores educacionais por etapa de ensino concluída, ainda observa-se um impacto negativo em decorrência da pandemia no curto prazo. Não obstante, tal impacto mostra-se de menor magnitude. Isto é, no curto prazo foram observadas reduções entre as proporções de jovens (de 15 a 17 anos) com o ensino fundamental concluído (-6%) e entre jovens (de 25 a 29 anos) com o ensino superior concluído (-2%), enquanto que, entre jovens de 18 a 29 anos com o ensino médio, mostra-se uma estagnação em tal média móvel. Ao final de 2021, estas médias por etapa de ensino concluída corresponderam a 16% para jovens com ensino superior completo, 68,31% para jovens com o ensino médio completo e, a média de jovens com 15 a 17 anos segue sendo maior com 74,30% (sendo esta média superior à nacional e regional) destes jovens durante o trimestre.

Considerando o período de 2012/T4 a 2021/T4, ainda foram predominantes variações positivas entre estes indicadores. O Ceará destaca-se no longo prazo por apresentar um crescimento expressivo destas médias, destarte as variações negativas no curto prazo decorrentes da pandemia. Entre jovens pertencentes à faixa etária de 15 a 17 anos, com ensino fundamental completo observa-se o crescimento de aproximadamente 19%, enquanto a média para jovens (entre 18 e 29 anos) com ensino médio, apresentou a variação positiva de 35%. Entretanto, o destaque deve-se à média de jovens (25 a 29 anos) com ensino superior completo, cujo crescimento durante este período mostrou-se em 92%. Tal crescimento expressivo supera a magnitude do crescimento da média nacional (aproximadamente 43%), além de superar a média regional (13,17%), chegando assim a 2021/T4 com uma média de 16% destes jovens, aproximando-se cada vez mais da média móvel de jovens brasileiros (21,18% dos jovens) com tal etapa de ensino concluída.

Quanto ao indicador de escolaridade média, a população jovem cearense apresentou uma média de 11,30 anos de estudo em 2021/T4. Igualmente aos demais indicadores educacionais, este também sofre uma pequena redução no curto prazo (-1,7%), porém, considerando que, ao final de 2012, a média de anos de estudo entre jovens cearenses correspondia a 10 anos, no longo prazo ainda há um crescimento de 11%, chegando ao final de 2021 com uma média de 11,30 anos. Com tal crescimento, o Ceará aproxima-se da média nacional (11,45 anos em 2021/T4) e, assim, apresenta um padrão de crescimento estável.

De uma maneira geral, os indicadores educacionais apresentam oscilações no curto e longo prazo, dado o período de pandemia da Covid-19. Uma das questões, diz respeito à dificuldade de adaptar o sistema de ensino a uma pandemia, onde ocorreu a transição para o meio virtual, afetando, de acordo com a ONU (2021), mais de 1,6 bilhão de estudantes ao redor do mundo. Tal barreira encontrada no sistema de ensino remoto, colocou em cheque a frequência escolar de muitos jovens, e, principalmente, aumentou o risco de jovens não retomarem seus estudos.

Não obstante, torna-se evidente de como, no Ceará, tal impacto, apesar de causar variações negativas no curto prazo, não foi capaz de reverter os impactos positivos observados desde o início da série. Enfatiza-se, portanto, a necessidade de prosseguir com medidas que

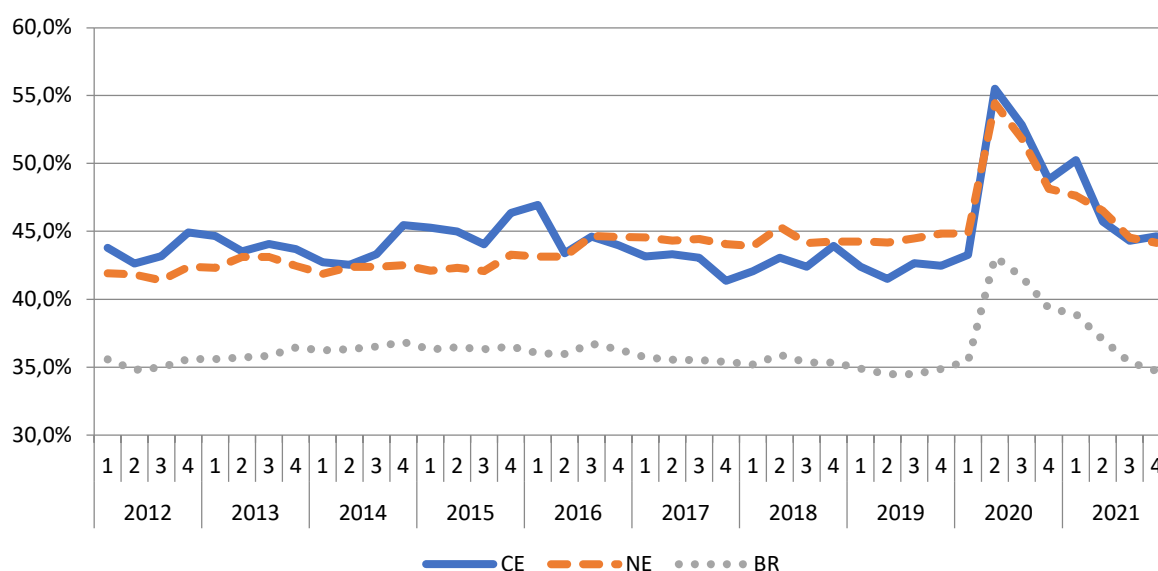
possibilitem a retomada deste crescimento e avanços no âmbito educacional feitos ao longo destes anos.

3. MERCADO DE TRABALHO

Nesta seção abordam-se, de maneira sucinta, os indicadores relativos ao mercado de trabalho para jovens de 15 a 29 anos, tais como população jovem ativa no mercado de trabalho, taxa de desocupação, informalidade no mercado e médias salariais.

Considerando o período entre 2012 e o final de 2019, a proporção de jovens fora do mercado de trabalho (Gráfico 9) estabelece uma média de 43,61%. No entanto, em decorrência do cenário de pandemia do COVID-19, este indicador atingiu seu ápice, alcançando em 2020/T2, um percentual de mais de 55% dos jovens cearenses de 15 a 29 anos fora da força de trabalho. Em uma análise a curto prazo, é possível observar uma tendência de recuperação, onde, considerando o período de 2020/T4 a 2021/T4, há uma queda de -9% neste indicador. Com tal redução, observa-se um retorno do indicador a um nível mais próximo da média observada durante a série histórica, atingindo, em 2021/T4 44,64% dos jovens cearenses fora da força de trabalho. Em termos de evolução no longo prazo (2012/T4 a 2021/T4), esta variação é negativa em -1%. Apesar destas variações negativas, ao final da série observada, o Ceará atinge um percentual superior ao do Nordeste (44,17%) e Brasil (34,73%).

Gráfico 9: Proporção de jovens (15 a 29 anos) fora do mercado de trabalho.

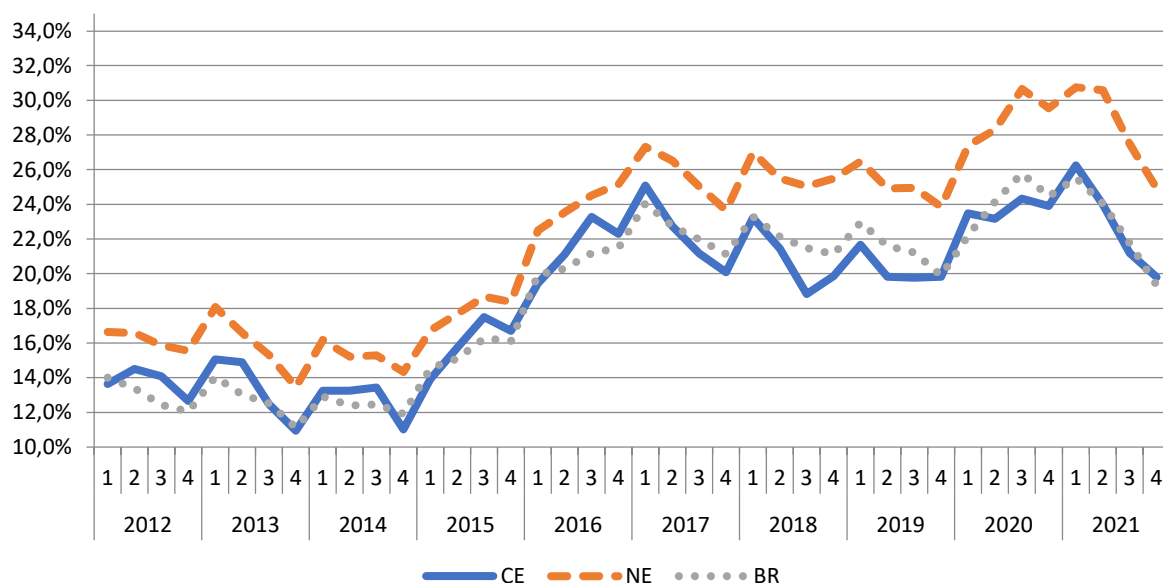


Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Por sua vez, durante o quarto trimestre de 2021, a proporção de jovens cearenses que se encontram na força de trabalho, porém estão desocupados, foi de 19,80% (Gráfico 10). Em termos de longo prazo, tal percentual representa um aumento de 56%, quando comparado ao último trimestre de 2012. Não obstante, quando observado no curto prazo, este indicador apresenta indícios de uma recuperação após uma forte tendência crescente. Comparado ao

mesmo período em 2020, este segue apresentando uma tendência negativa, cuja variação foi observada em -17%. Com tal recuperação, o Ceará termina o ano de 2021 com uma proporção de jovens desocupados 21% inferior ao Nordeste (24,92% dos jovens) e superior em 2%, quando comparado ao Brasil (19,34% dos jovens desocupados).

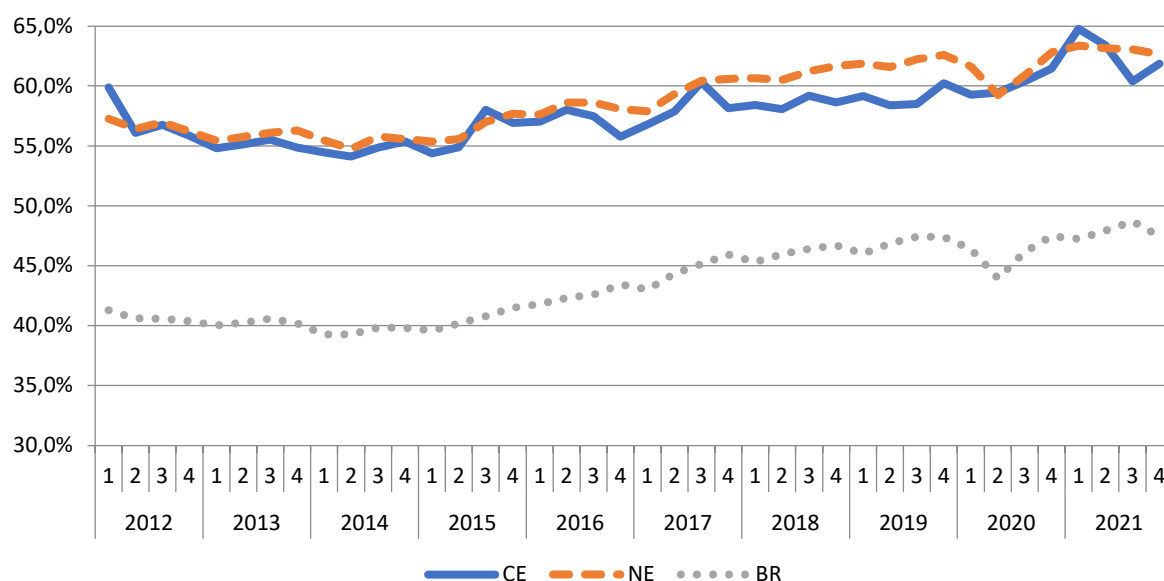
Gráfico 10: Proporção de jovens (15 a 29 anos) desocupados no mercado de trabalho.



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Outro reflexo da pandemia a ser notado consiste na maior vulnerabilidade de ocupados em situação de informalidade, principalmente entre a população jovem (ver Gráfico 11). Ao início de 2021, observa-se um ápice desta proporção entre os jovens cearenses (64,79%) e, após uma breve tendência de queda, observa-se um novo aumento (0,66% considerando o curto prazo), onde, no quarto trimestre do mesmo ano, o Ceará apresenta um total de 61,85% dos jovens trabalhando de maneira informal no mercado de trabalho. Apesar desta breve tendência de queda, no longo prazo ainda é possível ver um aumento de 10,78% entre os jovens empregados no setor informal. Considerando os impactos sofridos na pandemia, o Ceará, em termos comparativos, apresenta o menor crescimento no longo prazo, quando comparado ao Brasil e ao Nordeste. Tal crescimento a nível nacional foi de 17,54% chegando ao final de 2021 com uma proporção de 47,46% dos jovens, enquanto o crescimento observado no Nordeste foi de 11,41%, com esta mesma proporção observada em 62,65%.

Gráfico 11: Proporção de jovens (15 a 29 anos) ocupados informalmente no mercado de trabalho.

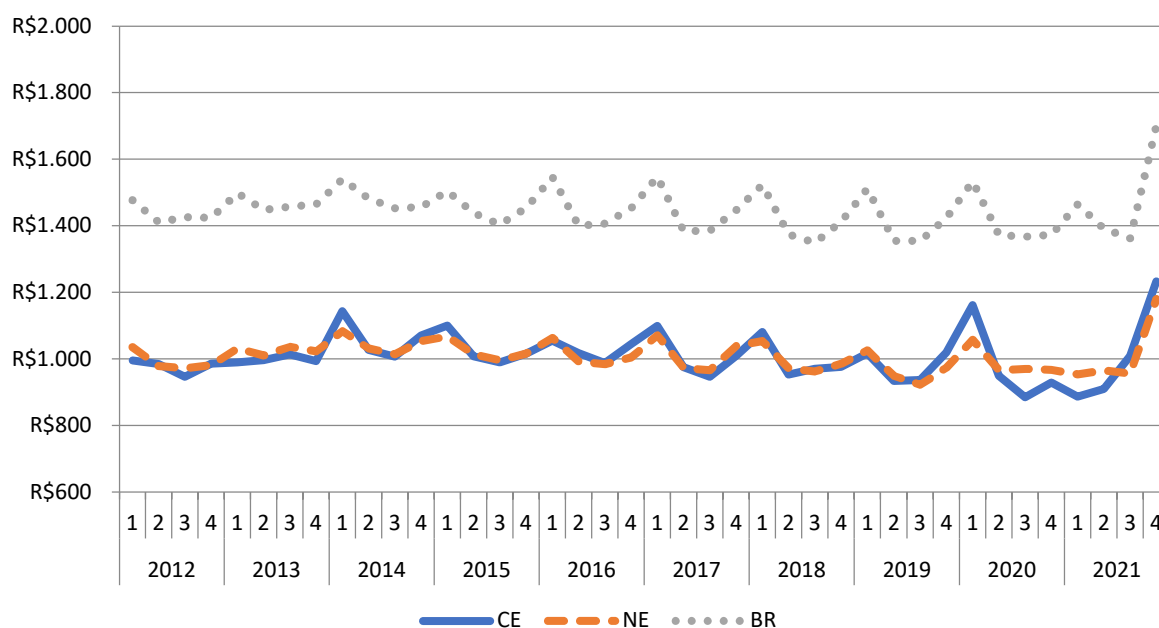


Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Em 2021/T4, o rendimento real médio de todos os trabalhos para jovens ocupados no mercado de trabalho correspondeu a R\$ 1.233,40 (Gráfico 12). Este valor representa uma recuperação, com um aumento de mais de 32% entre o período de 2020 a 2021. Quando comparado ao último trimestre de 2012 (R\$ 985,72), este aumento corresponde a 25,1%. E assim, após um período com uma média salarial inferior ao Nordeste, o Ceará volta a superá-lo e estabelece uma diferença de 4,5% em relação à média nordestina (R\$ 1.179,9). Enquanto à média nacional (R\$ 1.700,70), o Ceará mantém uma diferença de -27,5% durante o mesmo período.

Conforme explicitado pela Tabela A2 (em anexo), que entre jovens ocupados de maneira formal no mercado de trabalho, o rendimento médio correspondeu a R\$1.722,60 em 2021/T4. Considerando um crescimento de mais de 45% no curto prazo, o rendimento médio para este tipo de ocupação aumenta a diferença para quase 40% considerando o rendimento médio para todas as ocupações. Quanto ao comparativo com a média nacional (R\$ 2.053,90), ainda mostra-se distante e, assim como o rendimento médio para todos os trabalhos, com o crescimento expressivo observado no curto prazo, o rendimento médio do Ceará supera a média do Nordeste dos rendimentos advindos de ocupação formal (R\$ 1.648,90), estabelecendo assim, uma diferença de +4,5% com o Nordeste e -16,1% com a média nacional.

Gráfico 12: Rendimento médio real efetivo de todos os trabalhos para jovens (15 a 29 anos) ocupados no mercado de trabalho.



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Quanto aos jovens ocupados de maneira informal, o salário médio estimado para este tipo de ocupação foi de R\$ 959,81, no quarto trimestre de 2021. Durante o mesmo trimestre em 2020, o rendimento era equivalente a R\$729,92, assim no curto prazo, observou-se um aumento de 31%. Deve-se ressaltar, no entanto, que a diferença entre a média salarial do mercado formal e informal entre jovens aumentou considerando o curto prazo. Esta diferença ao final de 2020 correspondia a 62,7% (diferença de 457,32 reais), enquanto que, ao final de 2021 esta mesma aumentou para quase 80% (diferença de 762,74 reais) entre o rendimento de jovens ocupados formalmente e aqueles ocupados informalmente.

Aspectos Gerais Mercado de Trabalho

Diferentemente da crise anterior vivenciada pelo país, entre 2015 e 2016, a atual crise ocasionada pelo Covid-19 impactou no mercado de trabalho, não somente pela sua magnitude, mas principalmente pela transição de ocupados não para desocupados, mas sim para fora da força de trabalho (IPEA, 2021). Tal característica, associada ao fato de que os jovens foram a população mais afetada pela pandemia no âmbito do mercado de trabalho (OIT, 2021), observa-se o indicador de proporção de jovens fora da força de trabalho considerando que no segundo trimestre de 2020, esta proporção chegou a mais de 55% dos jovens entre 15 e 29 anos de idade. No entanto, uma possível recuperação é sinalizada no curto prazo dado a redução de 9% entre o final de 2020 e 2021, chegando a uma proporção de 44,64% destes jovens. Além disso, também é sinalizado como positivo o aumento desta proporção entre jovens que deveriam estar frequentando a escola (15 a 17 anos) de 2,5%, enquanto que entre jovens que deveriam estar ingressando no mercado de trabalho (18 a 24 anos) e aqueles que já deveriam estar no mercado de trabalho (25 a 29 anos), há uma redução em ambas faixas etárias de -9,5% e -12,3%, respectivamente.

Quanto aos jovens que já compõe a força de trabalho, mas que se encontram desocupados, estes somaram um 19,80%. Assim, como a proporção fora da força, no tocante ao curto prazo, esta proporção sofre uma redução de 17%. Esta redução permitiu aproximar-se do patamar nacional (19,34%) e distanciar-se em -21% do Nordeste (24,92%). Não obstante, no longo prazo ainda ocorre uma variação positiva significativa de 56%.

Ainda segundo o IPEA (2021), os jovens representam um dos grupos com as maiores taxas de ocupações informais, o que os deixaram mais expostos aos impactos da pandemia. Para o final de 2021, quase 62% dos jovens, entre 15 a 29 anos ocupados, encontravam-se em situação informal. No longo prazo, esta proporção sofre um aumento de 10,78%. Este aumento observado é inferior ao aumento da proporção nacional (47,46% dos jovens) que foi observado em 17,41% também no longo prazo.

Por último, o rendimento real efetivo médio para jovens de todos os trabalhos ao final de 2021 correspondeu a R\$ 1.233,40. Este indicador também sinaliza uma recuperação positiva, uma vez que tanto no curto, quanto no longo prazo, estas variações foram positivas de 32,8% e 25,1%, respectivamente. Esta sinalização positiva é observada no rendimento médio para todas as faixas etárias, onde, entre jovens de 15 a 7 anos, há o destaque de uma variação de 62% no curto prazo. Além disso, especificamente para aqueles jovens ocupados formalmente, observam-se crescimentos mais expressivos de tal média, no curto prazo, o salário médio deste tipo de ocupação entre jovens passou a aumentar 45,1% chegando a R\$ 1.722,55 em 2021/T4. Este crescimento expressivo aumenta a diferença entre o rendimento médio deste tipo de ocupação para o rendimento de todos os trabalhos, passando de 27,8% em 2020/T4 para quase 40% superior em 2021/T4.

Adicionalmente, quando observado especificamente aqueles jovens ocupados informalmente, o rendimento médio observado para 2021/T4 correspondeu a 959,81 reais. Apesar do crescimento observado no curto prazo em 31,5%, ressalta-se que a recuperação no salário médio entre os ocupados formalmente foi mais significativa, aumentando a diferença entre estes rendimentos médios no curto prazo. Isto é, em 2020/T4 a diferença observada entre a média de rendimentos entre ocupados formalmente e informalmente correspondia a 62,65%, já ao final de 2021, o salário entre jovens ocupados formalmente passa a ser quase 80% superior ao daqueles ocupados informalmente.

Portanto, os indicadores no mercado de trabalho, sinalizam uma recuperação, ainda que gradual entre os jovens ao final de 2021. Tanto pela redução dos níveis de desocupação e inatividade, tanto quanto pelo aumento das médias de rendimentos no curto prazo. Não obstante, os jovens ocupados informalmente seguem ainda um grupo de vulnerabilidade, uma vez que a recuperação, tanto com o aumento no nível de ocupação em postos de informalidade, como pelo aumento da diferença salarial entre ocupação formal e informal entre os jovens.

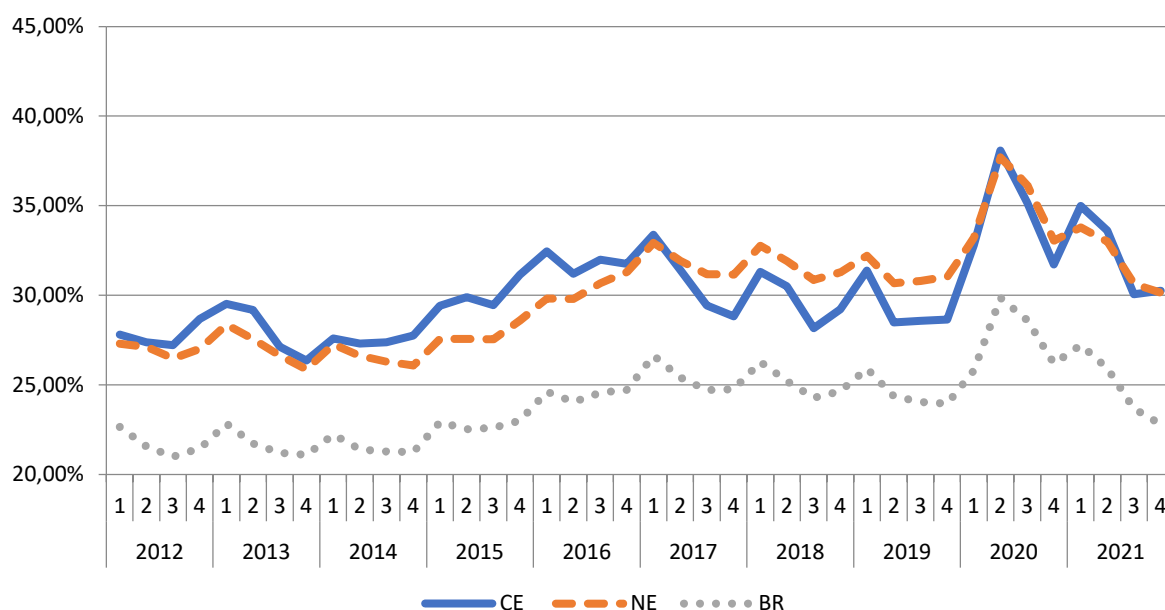
4. JOVENS QUE NÃO ESTUDAM E NÃO TRABALHAM

Nesta seção busca-se quantificar e abordar de maneira sucinta o grupo específico de jovens que não estudam e não trabalham. Assim, analisa-se este grupo de jovens por faixa etária, gênero, etnia e recorte geográfico.

Ao final de 2021, a proporção de jovens que não estudam e não trabalham (Gráfico 13) apresenta uma proporção de 30,3% dos jovens (um equivalente a 677.329 jovens cearenses) o que significou uma redução de -4,6% no curto prazo. Considerando o longo prazo, ainda observa-se uma variação positiva de 5,5%. Não obstante, observa-se uma recuperação deste indicador ao apresentar uma proporção equivalente à média observada no período pré-pandemia (entre 2017 e o final de 2019). Uma possível explicação para esta recuperação, pode ser observada na melhoria do cenário no mercado de trabalho entre os jovens com a redução da taxa de desocupação e redução da taxa de inatividade entre os jovens cearenses.

Em um comparativo com o Brasil, cuja proporção de jovens em tal situação correspondeu a 22,8%, ainda há uma diferença de mais de 32%. Enquanto que, com relação ao Nordeste, o Ceará apresenta a mesma proporção de jovens sem ocupação e sem estudar para o final de 2021.

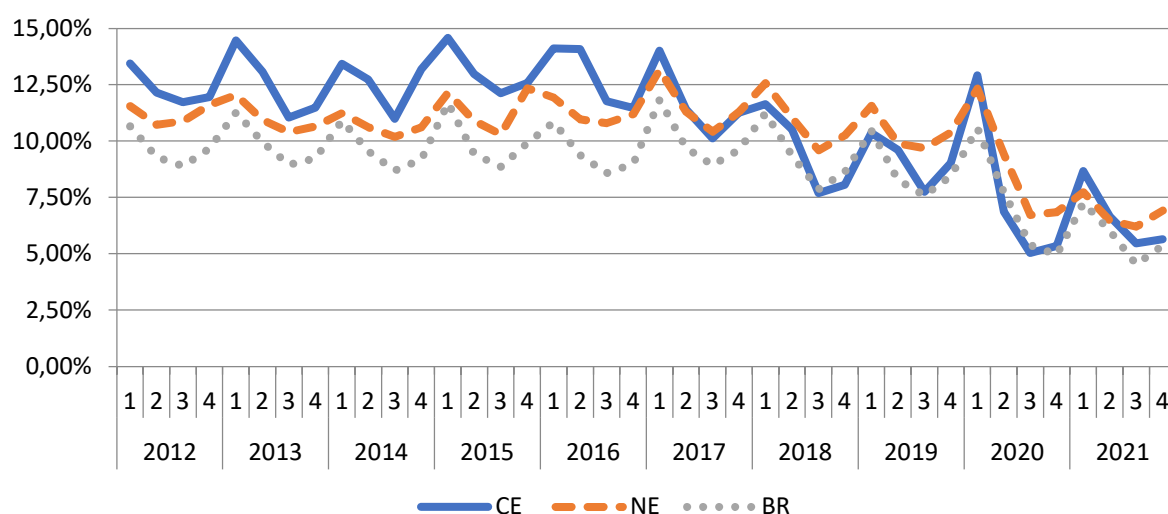
Gráfico 13: Proporção de jovens (15 a 29 anos) que não frequentam a escola e não possuem ocupação.



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Ao analisar este grupo por faixa etária, especificamente para a proporção de jovens entre 15 e 17 (Gráfico 14), observa-se uma tendência de queda no longo prazo, uma vez que, ao comparar com o final de 2012, esta proporção de jovens caiu em mais de 52%. Enquanto que, no curto prazo, há uma variação positiva de 5,7%, chegando, ao final de 2021, com uma proporção de 5,64% dos jovens cearenses entre 15 e 17 anos sem estudar ou trabalhar. Além disso, há uma aproximação da proporção nacional (5,36% dos jovens), bem como um distanciamento da proporção de jovens no Nordeste (6,92%).

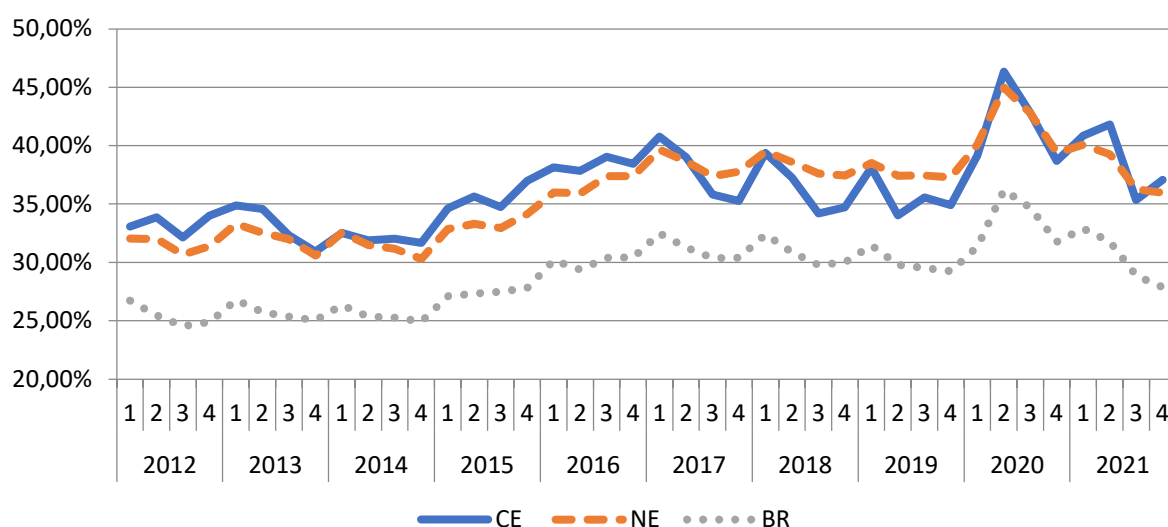
Gráfico 14: Proporção de jovens 15 a 17 anos que não frequentam a escola e não possuem ocupação



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

O Gráfico 15 ilustra esta proporção para a faixa etária de jovens entre 18 e 24 anos. Ao contrário dos jovens de 15 a 17 anos, a proporção de jovens para esta faixa etária sofreu uma pequena redução de -4,2% no curto prazo, enquanto que, no longo prazo, ainda é possível observar um aumento de quase 10%, onde, em 2021/T4, esta proporção corresponde a 37,08% dos jovens cearenses nesta condição. Consequentemente, nesta faixa etária, o Ceará apresenta maior proporção de jovens sem estudar, ou trabalhar, quando comparado ao Brasil (27,88%) e ao Nordeste (36%).

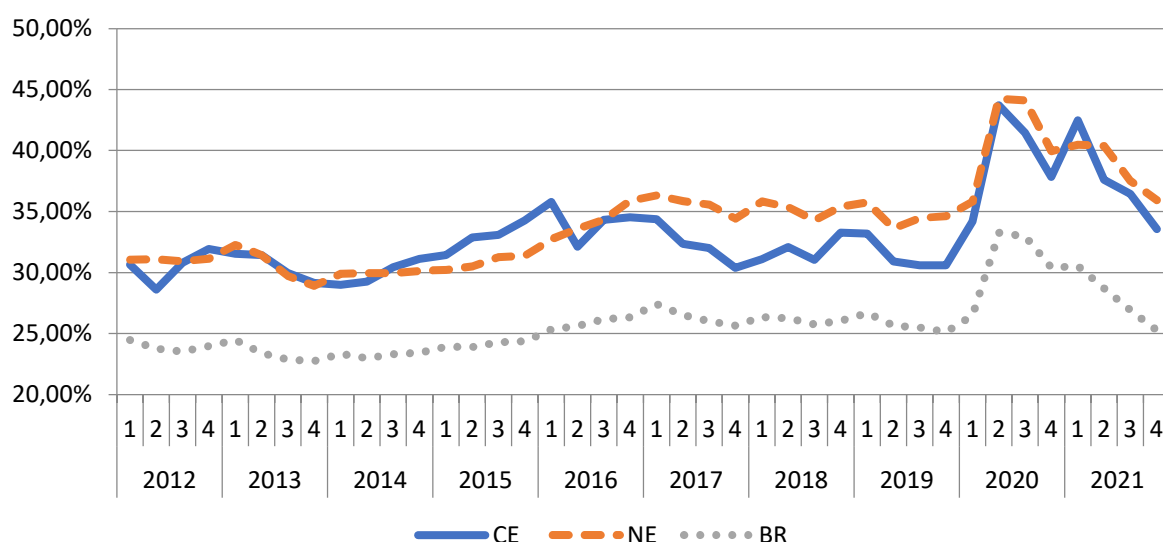
Gráfico 15: Proporção de jovens 18 a 24 anos que não frequentam a escola e não possuem ocupação



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Entre a faixa etária de 25 e 29 anos, que já deveria haver ingressado no mercado de trabalho, esta redução sofrida no curto prazo mostra-se mais expressiva, quando comparada aos jovens entre 18 e 24 anos (-11,3%), passando de 37,84% em 2020/T1 para 33,55% em 2021/T4. Assim como no grupo de jovens de 18 a 24 anos, este também apresenta um crescimento no longo prazo, porém de menor magnitude (5,1%). Em termos comparativos, durante o quarto trimestre de 2021, esta proporção de jovens cearenses mostra-se pouco mais de 2 pontos percentuais inferior ao Nordeste (35,95%), no entanto, distancia-se em 32,8% do patamar nacional (25,26%).

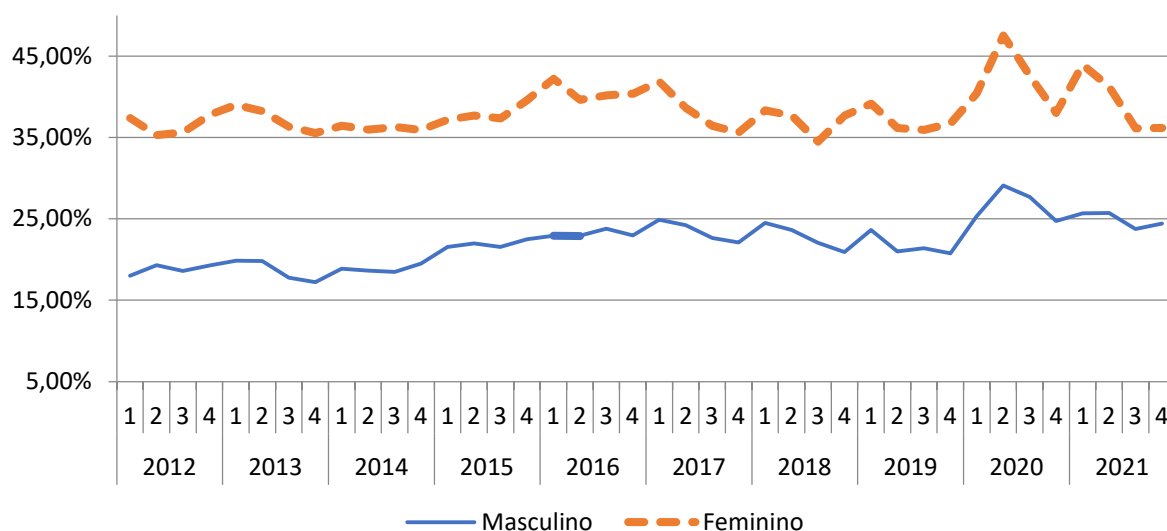
Gráfico 16: Proporção de jovens 25 a 29 anos que não frequentam a escola e não possuem ocupação



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Em 2021/T4, ainda mantendo a diferença histórica entre os gêneros, a proporção de jovens do sexo feminino que não estudam e não trabalham corresponde a 36,19%. Enquanto esta proporção para o sexo masculino correspondeu a 24,41% (Gráfico 17). Em termos percentuais, a proporção para mulheres é 48,42% superior aos homens. Tal diferença vem apresentando uma tendência de redução desde 2020, uma vez que a proporção de homens nesta condição vem aumentando significativamente. No longo prazo, este aumento representa quase 27%, e, para as mulheres, durante o mesmo período, observa-se uma redução de -4,2%. Enquanto isso, no curto prazo, ambos apresentaram uma variação negativa, equivalente a -5% para as mulheres e -1,3% para os homens.

Gráfico 17: Proporção de jovens (15 a 29 anos) que não frequentam a escola e não possuem ocupação por gênero

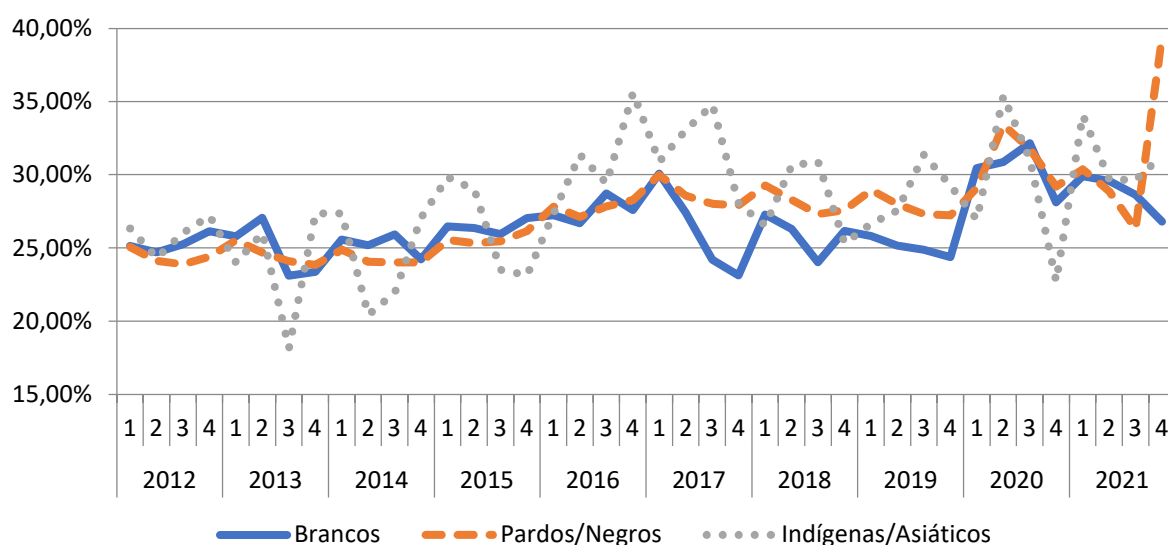


Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Conforme o Gráfico 18, durante o quarto trimestre de 2021, entre os jovens que se encontravam na situação de não trabalhar ou estudar, quase 40% destes eram negros/pardos, enquanto que 26,79% destes eram brancos e 31,32% correspondiam a jovens indígenas ou asiáticos. Entre estas etnias, somente entre jovens brancos foi observada uma pequena redução no curto prazo (-4,7%). Entre o final de 2012 e 2021, todas estas proporções sofreram um aumento, no entanto, cabe destacar que os jovens negros/pardos seguem sendo um grupo de maior vulnerabilidade, uma vez que, além de representarem a maior proporção entre os jovens sem ocupação e sem frequentar a escola, tanto no curto prazo, quanto no longo prazo, esta proporção sofreu aumentos significativos (variações estas de 37,7% e 61,8%, respectivamente), distanciando-se dos jovens das demais etnias nesta condição ao final de 2021.

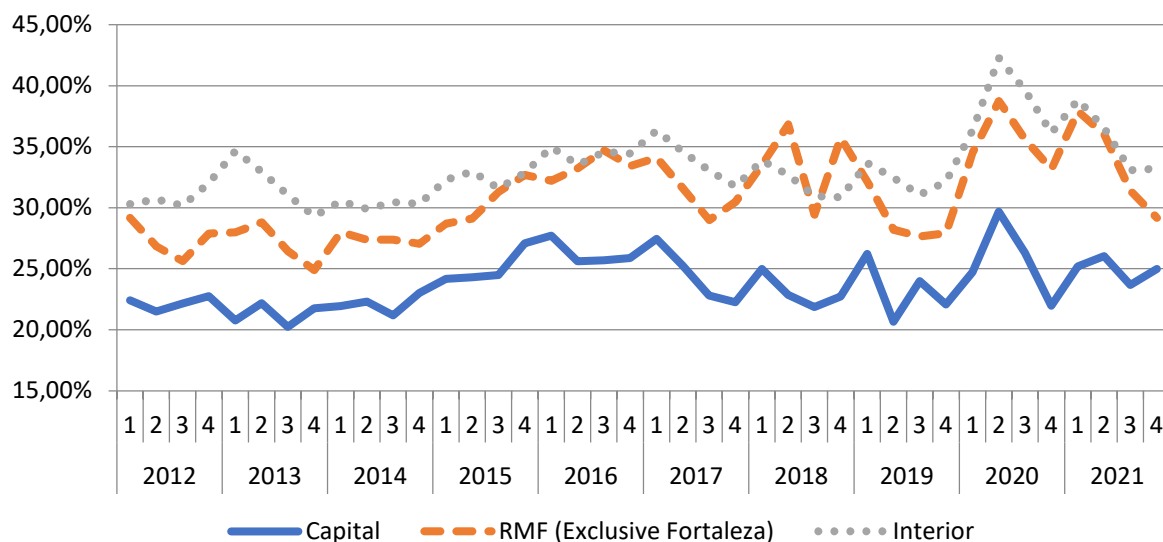
Ao observar os jovens que não se encontram estudando ou trabalhando, de acordo com o recorte geográfico, no quarto trimestre de 2021, a maior proporção de jovens que não estuda e não trabalha se encontra no interior do estado (33,22%), seguido pela Região Metropolitana do estado (exclusive a capital) com 29,18% destes jovens e, por último está a capital de Fortaleza (24,99%). Entre 2012 e 2021, todas as regiões apresentaram uma variação positiva, com destaque para Fortaleza, cuja variação para esta proporção mostrou-se quase em 10%. No longo prazo, a capital também apresenta uma variação positiva de 13,8%, enquanto o recorte da região metropolitana apresentou um decréscimo de -12%, seguida do interior, cuja variação foi equivalente a -8,1% (Gráfico 19).

Gráfico 18: Proporção de jovens (15 a 29 anos) que não frequentam a escola e não possuem ocupação por raça/cor



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Gráfico 19: Proporção de jovens (15 a 29 anos) que não frequentam a escola e não possuem ocupação por recorte geográfico



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Aspectos Gerais Jovens que não estudam e não trabalham

Levando em consideração o cenário de crise vivido após a pandemia do Covid-19, ainda se observa um total de mais de 30% da população (entre 15 e 29 anos), que se encontram na situação de não estar trabalhando ou estudando durante o quarto trimestre de 2021. Em termos quantitativos isso representa um total de 677.329 jovens cearenses. Em uma comparação o

quarto trimestre do ano anterior, esta população em situação de vulnerabilidade apresenta uma redução de -4,6%. Tem-se assim uma recuperação, ao se observar uma média mais próxima ao patamar pré-pandemia (de 2017 ao final de 2019). Esta pequena melhoria no curto prazo, pode ser um reflexo da melhoria no mercado de trabalho, tanto para jovens desocupados, quanto para jovens em inatividade. Contudo, no longo prazo, esta variação ainda é positiva, representando um aumento de 5,5% ao longo da série.

Considerando as diferentes faixas etárias, os mais afetados quanto a esta situação são os jovens que se encontram em transição da escola para o mercado de trabalho (jovens entre 18 e 24 anos), com a maior proporção, entre as faixas etárias analisadas, equivalente a 37,08% em 2021/T4. Apesar de apresentarem uma discreta redução no curto prazo (-4%), a proporção destes jovens nesta faixa etária apresentou o maior aumento no longo prazo (10%), além de distanciar-se do patamar nacional e regional. Esta mesma proporção para jovens entre 25 e 29 anos (33,55%), apresenta a maior redução no curto prazo (-11,3%), o que pode ser esperado também em decorrência da melhoria no mercado de trabalho.

Enquanto isso, esta proporção entre jovens de 15 a 7 anos (5,64%) se caracteriza por ser a menor proporção, uma vez que corresponde a faixa etária onde os jovens deveriam estar frequentando a escola. No curto prazo, esta proporção sofre um aumento de 5,7%, possivelmente devido às reduções observadas na frequência escolar tanto bruta, quanto líquida para esta faixa etária durante o curto prazo. Não obstante, no longo prazo, para esta faixa etária é observada a maior redução de -52,7%.

Cabe aqui destacar que, o público feminino (36,19% em 2021/T4) entre os jovens continua sendo de maior vulnerabilidade, quando comparado ao masculino (24,41% em 2021/T4). Não obstante, esta diferença de gêneros (48,42%) vem apresentando uma redução devido ao aumento da proporção entre homens no longo prazo (quase 27%), em comparação com a breve redução desta mesma proporção entre mulheres (-4,2%).

Mais ainda, entre os jovens que não estudam ou trabalham, quase 40% destes são negros/pardos. Este grupo específico se destaca dado o aumento expressivo tanto no longo (61,8%), quanto no curto prazo (37,7%). Além dos jovens negros/pardos, jovens residentes no interior do estado também merecem destaque por apresentarem a maior proporção entre os recortes geográficos analisados (33,22%).

Portanto, os jovens negros/pardos, mulheres e aqueles jovens residentes no interior constituem um público específico que necessitam receber maior atenção por parte de gestores ao direcionar políticas públicas para os jovens nesta condição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. ILO Monitor: COVID-19 and the World of Work. 4th Edition. **Updated estimates and analysis.**, 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Desigualdades no Mercado de Trabalho e Pandemia da Covid-19. Texto para discussão N° 2684/.- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 2021.

UNICEF et al. The State of the Global Education Crisis: A Path to Recovery. 2021.

APÊNDICE

Tabela A1: Indicadores de educação para jovens (15 a 29 anos) para o quarto trimestre.

Indicadores de Educação	2012	2020	2021	Variação (%)	
				Curto Prazo	Longo Prazo
Proporção de jovens de 15 a 29 anos frequentando a escola/universidade	32.14 %	37.51 %	34.35 %	-8.4%	6.9%
Proporção de jovens de 15 a 17 anos frequentando a escola	81.81 %	94.18 %	92.10 %	-2.2%	12.6%
Proporção de jovens de 15 a 17 anos frequentando o ensino médio	49.78 %	69.40 %	62.35 %	-10.2%	25.3%
Proporção de jovens de 15 a 29 anos analfabetos	3.24%	1.55%	1.59%	2.6%	-50.7%
Proporção de jovens entre 15 e 17 anos com ensino fundamental completo	59.49 %	73.37 %	66.58 %	-9.3%	11.9%
Proporção de jovens entre 18 e 29 anos com ensino médio completo	51.22 %	69.66 %	66.19 %	-5.0%	29.2%
Proporção de jovens entre 25 e 29 anos com ensino superior completo	8.54%	15.06 %	17.20 %	14.2%	101.3%
Número médio de anos de estudos para jovens entre 18 e 29 anos	10.18	11.50	11.30	-1.7%	11.0%

Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Tabela A2: Indicadores do mercado de trabalho para jovens (15 a 29 anos) para o quarto trimestre.

Indicadores do Mercado de Trabalho	2012	2020	2021	Variação (%)	
				Curto Prazo	Longo Prazo
Proporção de jovens entre 15 e 29 anos fora da força de trabalho	44.91%	48.81%	44.64%	-9%	-1%
15 a 17 anos	79.04%	84.15%	86.25%	2.5%	9.1%
18 a 24 anos	40.62%	45.10%	40.81%	-9.5%	0.5%
25 a 29 anos	28.81%	32.66%	28.65%	-12.3%	-0.5%
Taxa de desocupação para jovens entre 15 e 29 anos	12.66%	23.91%	19.80%	-17.2%	56.3%
15 a 17 anos	17.01%	51.93%	27.61%	-46.8%	62.3%
18 a 24 anos	15.03%	26.72%	26.12%	-2.2%	73.8%
25 a 29 anos	8.98%	16.70%	11.96%	-28.4%	33.2%
Proporção de jovens entre 15 e 29 anos com ocupação informal no mercado de trabalho	55.83%	61.45%	61.85%	0.7%	10.8%
15 a 17 anos	78.16%	46.78%	72.05%	54.0%	-7.8%
18 a 24 anos	56.27%	60.80%	65.24%	7.3%	16.0%
25 a 29 anos	51.18%	63.43%	57.8%	-8.8%	13.0%
Rendimento real efetivo de todos os trabalhos para jovens entre 15 e 29 anos ocupados no mercado de trabalho (em R\$)	R\$985.72	R\$928.76	R\$1,233.44	32.8%	25.1%
15 a 17 anos	R\$424.34	R\$323.69	R\$524.36	62.0%	23.6%
18 a 24 anos	R\$881.75	R\$802.35	R\$1,008.29	25.7%	14.4%
25 a 29 anos	R\$1,183.22	R\$1,078.51	R\$1,479.98	37.2%	25.1%
Jovens entre 15 e 29 anos ocupados formalmente	R\$1,242.52	R\$1,187.24	R\$1,722.55	45.1%	38.6%
Jovens entre 15 e 29 anos ocupados informalmente	R\$728.48	R\$729.92	R\$959.81	31.5%	31.8%

Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

Tabela A3: Jovens que não estudam e não trabalham (15 a 29 anos) para o quarto trimestre.

Jovens que não estudam e não trabalham	2012	2020	2021	Variação	
				Curto Prazo	Longo Prazo
Proporção de jovens de 15 a 29 anos que não estudam e não trabalham	28.68%	31.72%	30.3%	-4.6%	5.5%
Proporção de jovens de 15 a 17 anos que não estudam e não trabalham	11.94%	5.34%	5.64%	5.7%	-52.7%
Proporção de jovens de 18 a 24 anos que não estudam e não trabalham	34.00%	38.70%	37.08%	-4.2%	9.1%
Proporção de jovens de 25 a 29 anos que não estudam e não trabalham	31.93%	37.84%	33.55%	-11.3%	5.1%
Masculino	19.27%	24.73%	24.41%	-1.3%	26.7%
Feminino	37.79%	38.05%	36.19%	-4.9%	-4.2%
Branços	26.14%	28.12%	26.79%	-4.7%	2.5%
Pardos/Negros	24.41%	29.20%	39.48%	35.2%	61.8%
Indígenas/Asiáticos	27.19%	22.74%	31.32%	37.7%	15.2%
Capital	22.75%	21.97%	24.99%	13.8%	9.9%
RMF (Exclusive Fortaleza)	27.90%	33.17%	29.18%	-12.0%	4.6%
Interior	32.05%	36.14%	33.22%	-8.1%	3.7%

Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.